

HUB
GÓRGONA

Trauma na infância

DOCUMENTÁRIOS



MATERIAL DE APOIO

Como usar este material de apoio

Neste material você vai encontrar uma lista de documentários recomendados para entender e analisar o **trauma na infância** sob diversas perspectivas. Reuni informações importantes e dei prioridade para documentários disponíveis em serviços de *streaming* acessíveis no Brasil.

Muitos abraços,
Jarid Arraes



Classificação indicativa

Para facilitar suas escolhas, consulte a classificação indicativa dos documentários ao lado dos seus títulos.

É indispensável dizer que todos apresentam variados tipos de conteúdos que podem causar desconforto em algum grau. No entanto, veja o que diz a tabela abaixo para saber o que esperar dos documentários. Para informações mais detalhadas, leia o [guia](#) da Secretaria Nacional de Justiça.



Livre

Não expõe crianças a conteúdos potencialmente prejudiciais.



10 anos

Violência ou linguagem inapropriada para crianças, em menor intensidade.



12 anos

Agressão física, consumo de drogas e insinuação sexual.



14 anos

Violência e/ou linguagem sexual mais acentuadas.



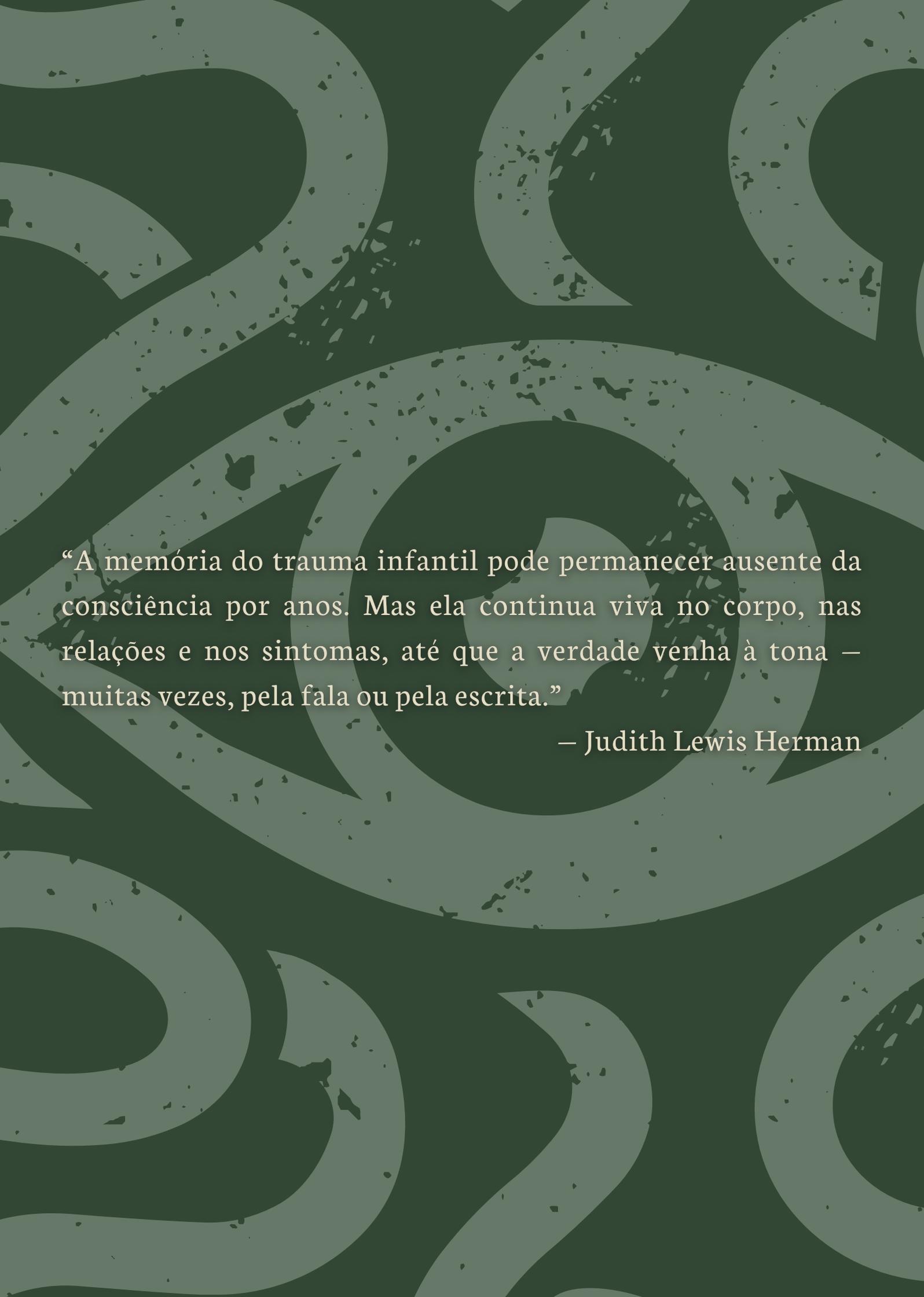
16 anos

Sexo ou violência mais intensos, tortura, suicídio, estupro ou nudez total.



18 anos

Conteúdos violentos e sexuais extremos. Sexo, incesto, tortura, mutilação, abuso sexual.



“A memória do trauma infantil pode permanecer ausente da consciência por anos. Mas ela continua viva no corpo, nas relações e nos sintomas, até que a verdade venha à tona — muitas vezes, pela fala ou pela escrita.”

— Judith Lewis Herman

O Caso Gabriel Fernandez

16

Em 2013, Gabriel Fernandez, de 8 anos, morreu em consequência de um abuso horrendo e prolongado cometido por sua mãe e seu padrasto. Após a tragédia, uma onda de indignação e clamor por justiça e responsabilização explodiu em Los Angeles. Esta série documental em seis partes, dirigida pelo premiado documentarista Brian Knappenberger (*Nobody Speak: Trials of the Free Press*), oferece um olhar interno sobre o julgamento e uma investigação reveladora dos sistemas governamentais que falharam em proteger Gabriel, apesar de diversos relatos e sinais de alerta. Além de lançar luz sobre uma história importante, **O Caso Gabriel Fernandez** serve como um chamado para reexaminar as estruturas destinadas a proteger crianças em situação de vulnerabilidade. (Fonte: [IMDb](#))

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 6 episódios (média de 50min cada)

○ **CASO
GABRIEL
FERNANDEZ**



"É normal que as mães batam nos filhos?"

Com essa pergunta, Gabriel Fernandez, então com 7 anos, deixou sua professora, Jennifer Garcia, muito preocupada.

Quando ela indagou a razão daquela estranha pergunta, Gabriel foi além: perguntou se era normal apanhar de cinto.

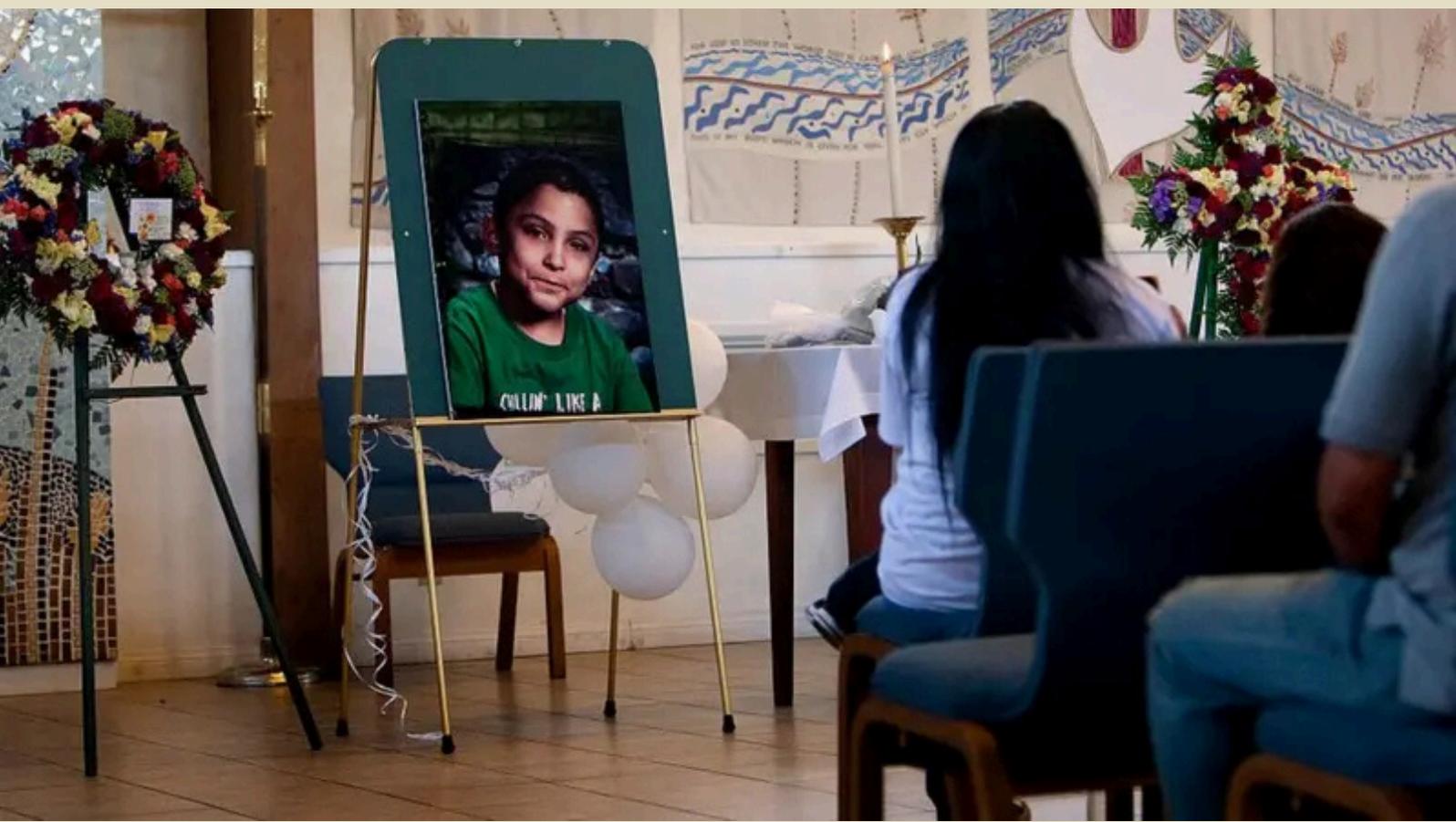
"É normal sangrar?", também questionou o menino.

Meses depois dessa conversa, Gabriel Fernandez, o Gabrielito, morreu depois de ser agredido em casa por sua mãe, Pearl Fernandez, e seu padrasto, Isauro Aguirre.

Mas eles não foram os únicos a serem julgados pelo crime. Em uma decisão sem precedentes, quatro assistentes sociais foram acusados de abuso infantil e falsificação de registros públicos.

Em **O Caso Gabriel Fernandez**, a Netflix apresenta um relato completo e documentado do que aconteceu com esse menino de origem latina que morava em Palmdale, norte de Los Angeles, EUA.

A série de seis episódios não se limita a contemplar apenas os abusos sofridos pela criança, destacando as falhas de um sistema que não pôde evitar o pior resultado. (Fonte: [BBC News Brasil](#))



Quem foi Gabriel Fernandez?

De acordo com relatos da série e matérias publicadas após sua morte, Gabriel era um menino doce, que gostava de ajudar e buscava o amor da família. Antes de ir morar com a mãe, Pearl Fernandez, o namorado dela, Isauro Aguirre, e dois irmãos em Palmdale, ao norte de Los Angeles, Gabriel foi levado de uma casa de parentes para outra.

Como mostra o documentário, ele viveu durante um período com um tio e o companheiro dele, e depois com os avós, antes de ficar com a mãe. Imagens dessa época com os tios mostram uma criança aparentemente saudável e feliz.

O bem-estar de Gabriel sofreu uma reviravolta devastadora em 2012, quando Pearl Fernandez o levou para casa - supostamente para receber benefícios assistenciais - apesar das preocupações da família de que ela já negligenciava os outros filhos.

Com o passar do ano letivo, os abusos sofridos por Gabriel se intensificaram. Ele começou a chegar à escola com falhas no cabelo, crostas no couro cabeludo, lábios machucados por socos no rosto e hematomas por toda a face depois que a mãe atirou nele com uma arma de chumbinho.

Segundo depoimentos ao grande júri obtidos pelo *Los Angeles Times*, os irmãos de Gabriel disseram que ele era obrigado a comer areia de gato e ficava trancado em um armário no quarto da mãe. Contaram ainda que Fernandez e Aguirre o chamavam de “gay” e o castigavam por apresentar traços considerados femininos, como brincar de boneca. (Fonte: [TIME](#))

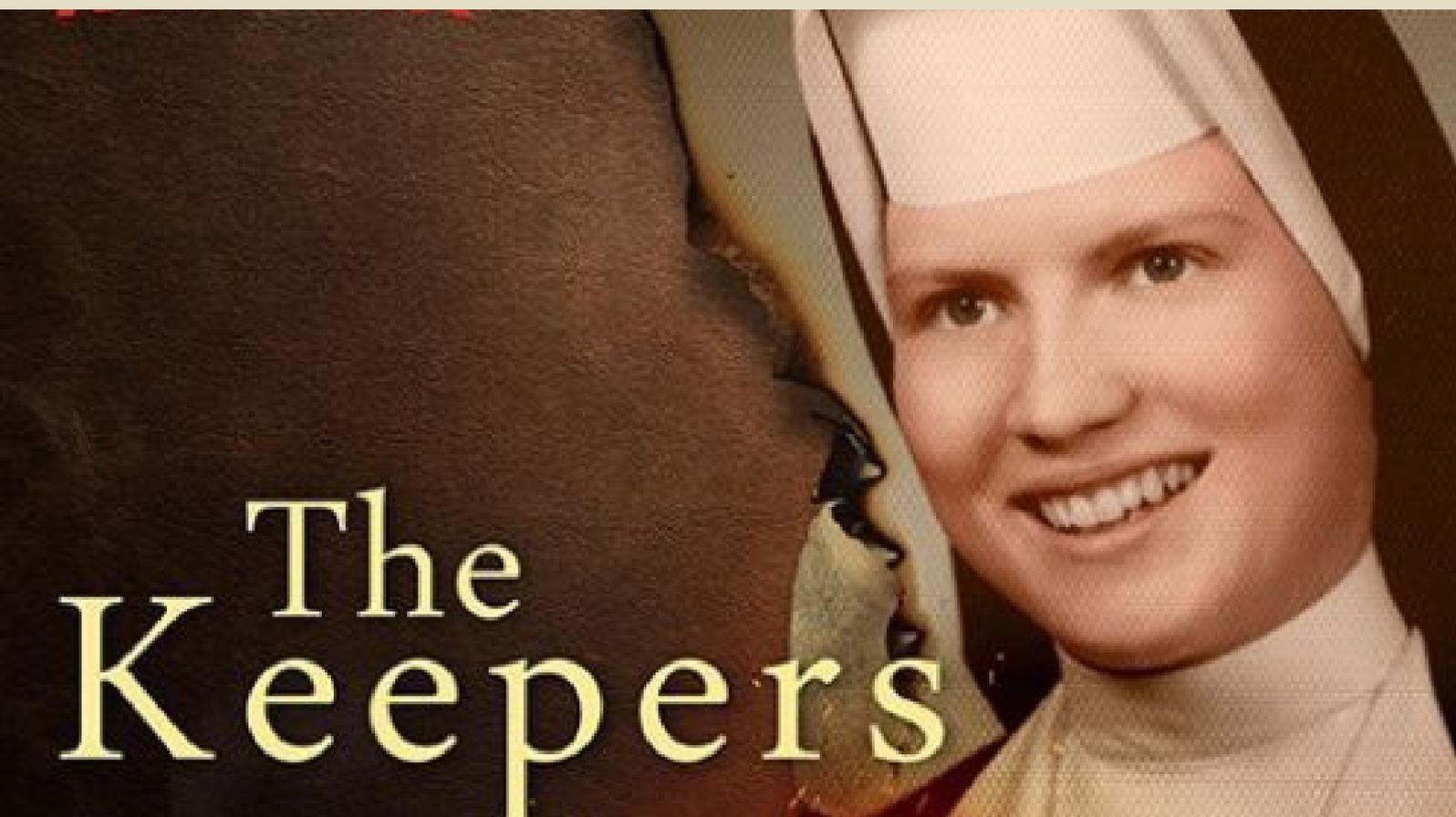


The Keepers

16

The Keepers investiga o assassinato não solucionado da irmã Cathy Cesnik, uma querida professora de inglês em um colégio católico só para garotas nos anos 1960. A série começa mostrando a investigação amadora conduzida por duas ex-alunas da irmã Cathy que tentam resolver o caso e trazer um sentimento de fechamento para elas mesmas e para a família da religiosa. A produção toma um rumo inesperado quando surge a suspeita de que a irmã Cathy estivesse prestes a revelar uma rede de violência sexual que ocorria na escola, supostamente liderada por dois padres do colégio. Ao longo dos episódios, sobreviventes desses abusos compartilham corajosamente suas histórias, numa tentativa de reconstruir a verdade sobre o que aconteceu com a irmã Cathy. (Fonte: [NSVRC](#))

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 7 episódios (média de 1h cada)



The
Keepers

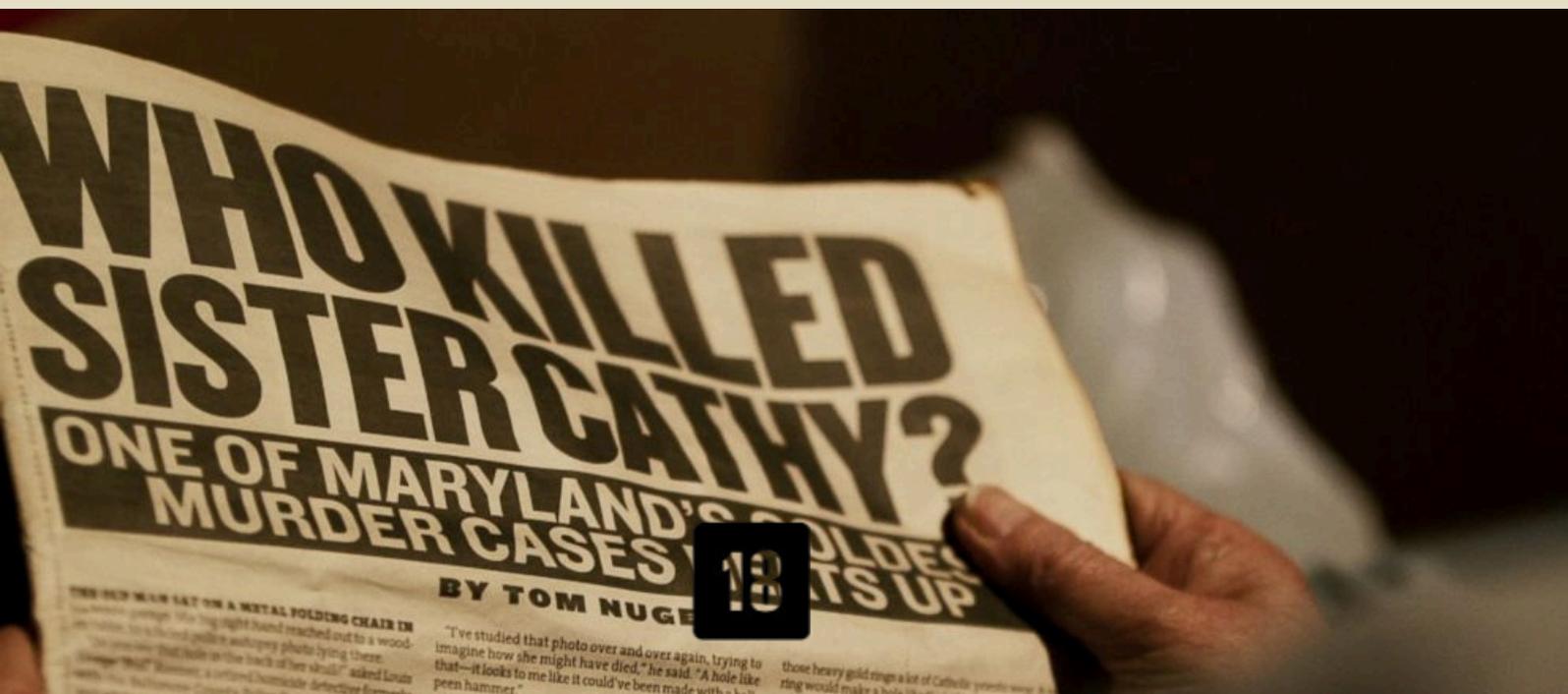
“Ela deu a própria vida por suas alunas.”

Enquanto Cathy Cesnik, uma freira católica, lecionava na Archbishop Keough High School no fim da década de 1960, dois de seus colegas - o padre Joseph Maskell e outro sacerdote, também professor - estariam abusando sexualmente de alunas da escola e as traficando para desconhecidos.

Maskell negou todas as acusações antes de morrer. O outro padre, o reverendo Neil Magnus, faleceu antes que qualquer denúncia pública viesse à tona.

Outras duas ex-alunas - Jean Wehner e Teresa Lancaster - estudavam na Keough na época e alegaram, anos depois, que foram abusadas sexualmente por Maskell. Elas moveram um processo civil de 40 milhões de dólares contra o padre em meados da década de 1990, mas a ação foi arquivada devido ao prazo de prescrição.

Durante uma das entrevistas em **The Keepers**, Wehner contou que, quando adolescente, confidenciou à professora Cesnik que estaria sendo abusada por Maskell. Hoskins afirmou que só nos anos 1990 soube dos rumores de que alguém teria matado Cesnik porque ela ameaçava expor o suposto abuso. “O corpo docente e os alunos simplesmente ficaram calados; quem gostaria de ser o próximo?”, continuou Hoskins, acrescentando que conhece três estudantes que dizem ter se queixado a Cesnik já em 1968.



Cathy Cesnik e suas alunas

“A exibição da série fez com que muito mais vítimas de Maskell se manifestassem”, disse Hoskins sobre as denúncias. “Isso é uma faca de dois gumes. Elas estão vindo à tona e compartilhando suas histórias, mas, ao mesmo tempo, é horrível perceber que há tantas outras.”

Em resposta a **The Keepers**, a Arquidiocese de Baltimore adicionou uma página de perguntas frequentes ao seu site, na qual afirma que não existe nenhum registro de denúncia feita por Cesnik à arquidiocese sobre acusações de abusos cometidos por Maskell. A página também diz que a arquidiocese não tinha conhecimento de alegações de abuso sexual contra Maskell antes de 1992 – algo contestado pela série.

“Estou muito satisfeita com a atenção que o assunto está recebendo, tanto nacional quanto internacionalmente, e com o fato de as pessoas estarem discutindo sobre abuso infantil; isso me faz sentir que talvez tudo isso tenha valido a pena”, acrescentou Schaub. “Nos envolvemos nisso para descobrir quem matou Cathy e, com o tempo, o foco se ampliou. O abuso, as questões envolvendo o clero, fico muito feliz em ver tudo isso sendo tratado.”

“Meu outro objetivo é lutar para que os padres se tornem, por lei, denunciadores obrigatórios de casos de abuso. Todo mundo agora acredita neles e eu não sei qual será o resultado disso, mas não vou desistir. Não vou sentar, calar a boca e desaparecer.”



O Programa

16

A diretora de **O Programa: A Indústria dos Internatos Abusivos**, Katherine Kubler, passou 15 meses internada em uma instalação que integra a chamada *troubled-teen industry* (indústria de tratamento de adolescentes problemáticos) e reuniu outras vítimas em um exposé da Netflix que busca pôr um ponto final nessa prática.

Uma vez lá dentro, os jovens eram isolados do mundo exterior, obrigados a seguir diretrizes estranhas e sofriam abusos físicos – começando pela revista íntima a que eram submetidos na chegada. Os colegas de Kubler falam sobre uma sala “sem câmeras”, onde os funcionários podiam agredir fisicamente quem fosse considerado indisciplinado sem medo de serem filmados, enquanto apresentam gravações impactantes de outros cômodos. (Fonte: [CNN](#))

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 2 episódios (média de 1h cada)



“Eles eram tratados como prisioneiros.”

Segundo quem passou pelo programa, que funcionava com um sistema de pontuação que podia subtrair ou somar pontos rumo à liberação, havia punições para qualquer tentativa de escrever aos pais e familiares para alertá-los sobre o que realmente estava acontecendo. Kubler e seus ex-colegas também foram submetidos a seminários de cunho quase sectário, concebidos para manipular emocionalmente os alunos contra si mesmos. Esses abusos deixaram quem sobreviveu a Ivy Ridge com danos duradouros à saúde mental.

Como se os horrores de Ivy Ridge já não fossem suficientes, **O Programa** traz suas revelações mais chocantes e atuais quando Kubler volta o olhar para além de suas experiências pessoais. Ao explorar uma rede global de escolas similares que operam sob uma organização maior, a World Wide Association of Specialty Programs and Schools (WWASP), a série documental de Kubler reúne, em seguida, um histórico de abuso institucional de crianças capaz de indignar até o mais calejado fã de *true crime*. A escala de abusos nessas escolas é tão extensa que nem mesmo a série consegue abordá-la por completo. (Fonte: [Collider](#))



Sem final feliz.

Os seminários exploravam as reações fisiológicas dos adolescentes para manipular sua mente e seus processos de pensamento. Kubler, cuja mãe morreu de câncer uma semana antes de ela completar dois anos, foi levada a acreditar que a culpa pela morte da mãe era dela. O mesmo ocorreu com Diana Nowak, cujo pai faleceu em um acidente de carro quando ela ainda era bebê. Ninguém chamava Nowak pelo nome verdadeiro na instituição; ela era tratada como “O Erro”.

O programa estava, essencialmente, fazendo lavagem cerebral em seus chamados alunos, que eram privados de sono, alimentação e tempo pessoal. “Todo seminário envolvia também algum tipo de componente de esforço físico”, disse Alexa Brand.

Embora Ivy Ridge e vários outros programas da WWASP tenham sido definitivamente fechados, os programas de reabilitação para “adolescentes problemáticos” ainda são populares hoje em dia.

“Esta história não tem um final feliz. E está longe de terminar. A indústria dos adolescentes problemáticos continua viva e prosperando”, afirmou Kubler. “Eles continuam por aí institucionalizando crianças com pouca ou nenhuma supervisão ou regulamentação.” (Fonte: [Yahoo](#))



Eu Matei Meu Pai

14

Eu Matei Meu Pai é uma investigação que não pergunta se Anthony Templet cometeu o crime ao atirar em seu pai, mas por que ele o fez.

Em 3 de junho de 2019, o jovem de 17 anos, Anthony, atirou duas vezes em seu pai, Burt, durante uma discussão na casa da família, na Louisiana. Logo em seguida, ele ligou para o 911 para relatar o incidente e se identificar como o autor dos disparos.

“Anthony Templet atirou em seu pai e nunca negou. Mas por que o fez é uma questão complexa, com implicações profundas que ultrapassam os limites de uma única família. Esta série documental de três episódios explora a psique de Anthony nos acontecimentos que antecederam 3 de junho de 2019 e a jornada de suas consequências mentais e emocionais.” (Fonte: Stylist)

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 3 episódios (média de 40min cada)



“Não fiz nada de errado.”

À primeira vista, o crime parecia simples e direto. Contudo, a análise mais cuidadosa do caso, juntamente com a trajetória de Anthony, revela uma trama muito mais complexa do que se imaginava.

O próprio Anthony aparece na série documental e faz uma declaração surpreendente nos primeiros minutos: quando perguntado por que desejava contar sua versão da história, ele afirmou: “Bem, é importante porque a minha vida está em jogo, e quero que as pessoas saibam que eu não sou louco, não sou assassino e sou inocente.”

Durante a cobertura da imprensa sobre o assassinato, surgiram novos detalhes a respeito de Anthony, Burt e do relacionamento entre eles. O caso tomou um rumo inesperado quando a meia-irmã de Anthony, Natasha, revelou que, em 2008, Burt havia sequestrado o menino de sua casa no Texas, quando ele tinha apenas 5 anos de idade.

“Depois de 11 anos esperando saber se meu irmão ainda estava vivo, ele foi encontrado”, disse Natasha. “Meu irmão corajoso teve que se defender, pela última vez, contra aquele homem maligno.”



“Eu sou inocente.”

Natasha contou que, antes do sequestro, Burt mantivera um relacionamento com sua mãe, Teresa Thompson: “Burt e minha mãe ficaram juntos por cerca de dez anos, e foi extremamente violento. Só posso imaginar o que Anthony enfrentou. Quando ele era bebê, Burt o segurava nos braços enquanto agredia minha mãe.”

Segundo reportagem do *The Advocate*, Burt impedia Anthony de ver os familiares e frequentar a escola. De acordo com o advogado de Anthony, Jarrett Ambeau, o jovem foi “isolado e agredido regularmente pelo pai”. Ambeau especificou que os abusos eram físicos, mentais e emocionais e ocorriam com frequência.

Os agentes que chegaram à cena do crime encontraram um revólver sobre o balcão da cozinha e outro ao lado de um celular, na cama do quarto principal. O corpo de Burt foi localizado a poucos passos dali, no corredor externo próximo ao banheiro – ele estava caído no chão, em uma poça de sangue. (Fonte: [Salon](#))



O Mistério de Maya

14

Em 2016, Jack e Beata Kowalski levaram sua filha, Maya, a um hospital em St. Petersburg, Flórida. A menina, então com 10 anos, foi internada no pronto-socorro com uma forte dor de estômago. Em vez de uma rápida passagem pelo hospital, Maya foi afastada dos pais e mantida lá. A tragédia que se desenrolou a seguir é o tema do documentário investigativo **O Mistério de Maya**, uma perturbadora exploração de como um sistema de saúde fragmentado destruiu uma família. (Fonte: [Netflix](#))

O documentário não perde tempo em chegar ao cerne do problema. Para destacar com precisão a magnitude da tragédia que se seguiu, **O Mistério de Maya** começa iluminando a vida da família antes de tudo acontecer. Mas, mesmo com esse início levemente esperançoso, torna-se evidente que há pouca luz no fim do túnel, à medida que a verdade sobre os eventos trágicos enfrentados por Maya e sua família é exposta ao escrutínio.

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 1h 43m



O MISTÉRIO DE MAYA

Suspeitas de abuso infantil.

A vida corria bem para os Kowalski até que, em 2015, Maya começou a adoecer, apresentando sintomas que iam de visão turva a dores insuportáveis. Depois de passar por vários médicos que não conseguiam identificar a causa do problema, um especialista em Síndrome de Dor Regional Complexa (CRPS, na sigla em inglês), o Dr. Anthony Kirkpatrick, diagnosticou Maya com a doença e recomendou um tratamento com infusão de cetamina, que já havia trazido resultados comprovados a muitos pacientes antes dela.

Em 7 de outubro de 2016, Maya sofreu uma recaída, e seus pais a levaram ao Johns Hopkins All Children's Hospital. Jack logo percebeu que os médicos do hospital sabiam muito pouco sobre a condição de Maya e Beata insistiu na infusão de cetamina em doses altas. Isso parece ter despertado suspeitas de abuso infantil por parte dos médicos e, como resultado, eles comunicaram o caso aos Serviços de Proteção à Criança, o que levou à entrada da pediatra especialista em abuso infantil Dra. Sally Smith. Após uma entrevista de cerca de dez minutos com Jack, a Dra. Smith concluiu rapidamente que Maya deveria ser retirada da guarda dos pais e colocada sob custódia do Estado.



Abuso médico?

A Dra. Smith estava convicta de que Maya era vítima de abuso médico infantil e de que Beata apresentava síndrome de Münchhausen por procuração, um transtorno mental, e forma de abuso, em que o cuidador faz parecer que a criança necessita de cuidados médicos, seja fingindo sintomas, seja provocando sintomas reais.

Em **O Mistério de Maya**, Jack assume o papel de narrador principal ao detalhar os acontecimentos que se sucederam depois que Maya foi colocada sob a custódia do Estado. Ele afirma que as autoridades tentaram colocá-lo contra a esposa – algo que não rebateu, naquele momento, para conseguir visitar a filha.

A preocupação de Beata com a segurança da filha aumentou ainda mais quando descobriu que Maya estava sendo acompanhada por uma enfermeira que tinha acusações de abuso infantil. Nesse ponto, o documentário destaca como Maya e sua família tiveram todos os seus direitos violados, já que fotos de Maya foram tiradas sem o consentimento dela ou de seus pais.

(Fonte: [Collider](#))



Arquivos da Perversão

18

Quando uma instituição centenária, respeitada e querida, que prega moralidade, confiança e serviço comunitário é colocada em dúvida, o choque e a negação podem surgir de imediato. Mas a verdade difícil, segundo o documentário **Arquivos da Perversão: Os Abusos na Boy Scouts of America**, é fundamental de ser ouvida.

Em fevereiro de 2020, a *Boy Scouts of America* entrou com pedido de recuperação judicial. Até o fim daquele ano, mais de 82 mil ex-escoteiros haviam apresentado denúncias de abusos sexuais ocorridos enquanto eram membros da organização, ou seja, ainda menores de idade. Esses relatos se estendem por décadas e gerações, em todos os Estados Unidos.

Arquivos da Perversão destrincha esse tema perturbador por meio de relatos em primeira pessoa de sobreviventes de abuso, além do depoimento de um ex-funcionário da *Boy Scouts of America* e de uma entrevista com um ex-conselheiro jurídico geral da organização. (Fonte: [Netflix](#))

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 1h 34m



Mais de 82 mil denúncias.

O lançamento do documentário provocou um novo escrutínio sobre os registros históricos de abuso sexual mantidos pela *Boy Scouts of America*.

Esses registros de suspeitos de pedofilia – uma lista de *red flags* conhecida como “arquivos da perversão” – foram mantidos em sigilo até serem tornados públicos em 2012. Eles detalham acusações de abusos cometidos por líderes escoteiros entre 1947 e 2005.

A *Boy Scouts* começou a reunir esses arquivos logo após sua fundação, em 1910, e os defendeu como uma forma de afastar líderes inadequados e prevenir abusos, alegando que o sigilo era necessário. Contudo, a intenção principal dos registros, proteger as crianças de pedófilos, fracassou. A *Boy Scouts of America* é acusada de encobrir décadas de denúncias, deixando de comunicar a maioria das queixas das vítimas aos pais, ao público ou mesmo à polícia. Esses arquivos há muito tempo estão no centro de batalhas judiciais, algumas das quais foram solucionadas fora dos tribunais.

Em 2012, 14.500 páginas dos “arquivos da perversão” vazaram na internet, fazendo o site que as hospedava cair já nas primeiras horas.



Décadas de abusos.

O documentário da Netflix apresenta sobreviventes, denunciadores e especialistas discutindo o impacto do abuso dentro dos escoteiros. Ele também destaca casos como o emblemático processo contra o líder de tropa Timur Dykes, que permaneceu na organização mesmo depois das acusações de abuso. Ele confessou a um bispo, no início da década de 1980, ter molestado 17 meninos e ter sido preso por alguns desses crimes. O bispo, representante oficial da *Boy Scouts*, não contou a ninguém sobre a confissão.

Um tribunal considerou a *Boy Scouts of America* responsável pelo abuso sexual de um menino de 12 anos e fixou uma indenização de US\$ 18,5 milhões. Esse veredito levou à divulgação dos arquivos.

A maioria das identidades das vítimas foi mantida em sigilo, mas algumas decidiram tornar públicas suas denúncias.

No documentário, o sobrevivente Tom Krumins afirma: “Queremos sentir que nossas vozes são ouvidas. Queremos sentir que existe uma oportunidade de cura.” (Fonte: [DailyMail](#))



Má Influência

16

Para quem acompanhou a youtuber Piper Rockelle e seus amigos crescendo nas redes sociais, o mundo que eles habitavam parecia brincalhão e idílico. Conhecidos coletivamente como The Squad, o grupo armava pegadinhas elaboradas, lidava com *crushes* e brincava por Los Angeles em busca de diversão, acumulando bilhões de visualizações – e milhões de dólares – no caminho. Praticamente cada passo do sucesso de Piper foi arquitetado por sua mãe, Tiffany Smith, que convidava várias crianças aspirantes a estrelas para se juntar à filha diante das câmeras. Mas, com o tempo, diversos integrantes do The Squad, e seus pais, começaram a sentir que algo estava seriamente errado. **Má Influência: O lado sombrio dos influencers infantis** é uma série documental investigativa em três partes que levanta o véu para revelar as histórias perturbadoras de suposta exploração, manipulação com traços de seita e abuso sofridos pelos ex-integrantes do Squad de Piper. (Fonte: [Netflix](#))

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 3 episódios (média de 50min cada)



“Homens velhos gostam”

Depois do sucesso de Piper Rockelle no fenômeno americano dos concursos de beleza para bebês e crianças, Tiffany Smith levou a filha para as redes sociais. Para aumentar o apelo de Piper e o número de visualizações e seguidores do canal no YouTube, Smith foi adicionando gradualmente outras crianças aos vídeos de Piper, que passaram a ser conhecidas e adoradas pelo público em constante crescimento como “The Squad”. O namorado bem mais jovem de Smith, Hunter Hill, filmava os vídeos enquanto ela dirigia. No auge, Piper chegava a ganhar mais de meio milhão de dólares por mês com seu conteúdo.

Em 2022, 11 ex-membros do Squad entraram com um processo contra Smith e Hill, alegando violações das leis de trabalho infantil, além de serem submetidos a "tratamento inadequado, ofensivo e abusivo", incluindo "comentários extremamente ofensivos e sexualmente explícitos" de Smith. Uma ex-membra, Corinne, diz que se lembra de, aos 12 ou 13 anos, ir a uma agência dos correios com Smith, que estava enviando o que parecia ser um pacote de roupas íntimas de Rockelle. Quando ela perguntou o porquê, ela diz que Smith declarou: "Homens velhos gostam de cheirar". Smith e Hill negam todas as alegações e o processo foi resolvido no ano passado sem admissão de qualquer responsabilidade.

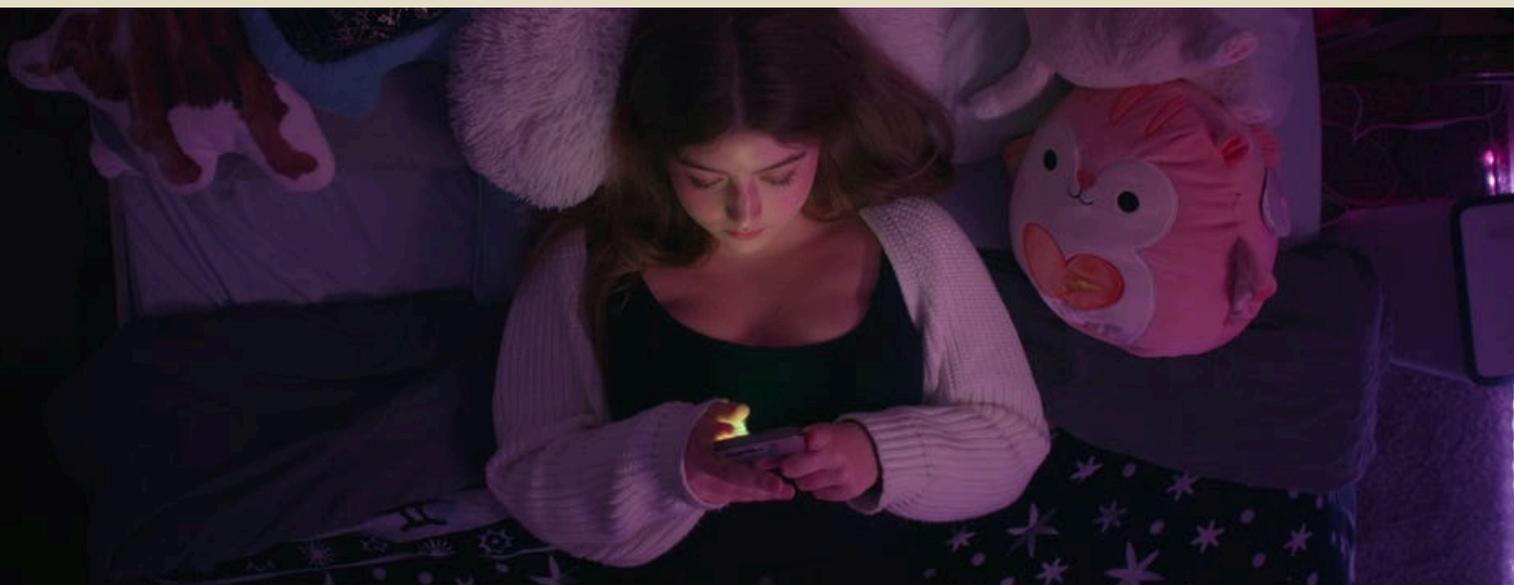


Predadores online.

Ao longo de três episódios, o documentário apresenta entrevistas com ex-participantes. Ouvimos familiares que ficaram cada vez mais preocupados com as filmagens (e com a ausência de Piper na escola desde os oito anos) e conhecemos as mães das crianças que participaram. Forma-se, assim, o retrato de uma mulher cujos dotes de manipulação e inteligência para os negócios encontraram um terreno ideal no mundo nebuloso da criação de conteúdo infantil online.

Esse campo opera na margem entre o profissional e o doméstico; por isso, ninguém sabe ao certo onde começam ou terminam, por exemplo, as leis trabalhistas, nem em que momento permitir que crianças se expressem diante da câmera “por diversão” se transforma em monetização. É uma zona muito turva determinar se a monetização pode ser algo além de exploração ou se deixar crianças se exporem diante das câmeras pode ser realmente inocente, considerando o que já sabemos sobre a probabilidade de predadores entre o público potencial. O programa cita um estudo que constatou que 60% do conteúdo encontrado nos computadores de pedófilos vem de redes sociais e que cerca de 92% da audiência de influenciadoras adolescentes é, provavelmente, composta por homens adultos.

Além disso, é claro, há as acusações chocantes sobre o comportamento sexual de Smith em relação às crianças que, se forem verdadeiras, não se situam em margens obscuras, mas são claramente condenáveis sob todos os aspectos. (Fonte: [TheGuardian](#))



Atleta A

18

Com o objetivo de tocar na ferida e mover novas denúncias mundo afora, o documentário **Atleta A** apresenta o sombrio bastidor da Federação de Ginástica dos Estados Unidos. Os diretores Bonni Cohen e Jon Shenk ouviram sobreviventes que têm em comum o histórico de abusos sexuais sofridos nas mãos do ex-médico da Federação, Larry Nassar. Condenado a 300 anos de prisão por duas décadas de abuso a 156 menores e jovens mulheres (incluindo campeãs olímpicas) e pornografia infantil, Nassar era tido como um profissional exemplar e carinhoso com suas pacientes.

Na obra, conhecemos o quebra-cabeça montado pela equipe jornalística do *IndyStar* que investigou as denúncias. A 'Atleta A', supressão do nome de uma testemunha-chave num processo judicial sigiloso, é Maggie Nichols, que pertenceu ao time de Simone Biles e teve destruído o sonho de competir nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, depois de denunciar o médico.

(Fonte: [Lunetas](#))

Onde: Netflix | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 1h 43min



Muito além de Nassar.

A **Atleta A** em questão é Maggie Nichols, ex-integrante da USAG (ela deixou o sistema da federação, embora, no início do documentário, esteja competindo em nível universitário). Nichols foi a primeira ginasta a apresentar uma queixa contra Larry Nassar, processo que acabaria levando-o a responder na Justiça. (Uma das revelações mais chocantes do filme é que, embora hoje Nichols seja reconhecida como a “primeira”, houve muitas outras denúncias em anos anteriores.) Se Cohen e Shenk tivessem optado por seguir apenas Nichols, **Atleta A** já seria impactante o bastante, pois a antiga aspirante olímpica e seus pais compartilham histórias de anos que evidenciam o quão horrível é o mundo da USAG para as atletas que, em teoria, deveriam ser tão queridas.

Além de Nichols e Rachel Denhollander, a primeira acusadora a registrar oficialmente sua denúncia, o documentário acompanha também o trio de jornalistas do *IndyStar* que desvendou as primeiras acusações contra Nassar. Eles acabaram publicando uma série de reportagens impactantes que não apenas expuseram os inúmeros crimes de Nassar, mas também o próprio sistema que lhe permitia continuar atacando jovens ginastas. Por meio de extensas entrevistas inéditas, valioso material de arquivo e pilhas de documentos legais, o filme apresenta tanto o processo jornalístico por trás da investigação quanto as corajosas sobreviventes que o tornaram possível.



Métodos cruéis.

Mas o problema vai muito além de Nassar. Uma das revelações mais assustadoras de **Atleta A**, e não são poucas, é a descoberta, pela equipe do *IndyStar*, do processo falho pelo qual a USAG repassa (ou melhor, deixa de repassar) denúncias de agressão às autoridades. Resumindo: eles não encaminham, a menos que haja uma declaração assinada pela vítima ou por seus responsáveis. Dizer que isso é um pedido enorme, mesmo fora do mundo fechado da USAG, é pouco. Shenk e Cohen, porém, não martelam esse ponto; escolhem mergulhar mais fundo no ambiente doentio e secreto que deu margem aos abusos de Nassar.

O que começa como uma investigação bem fundamentada sobre Nassar e suas vítimas transforma-se gradualmente em algo muito mais amplo e ainda mais aterrador. O documentário de Cohen e Shenk aprofunda-se até encontrar, se não a raiz de toda a toxicidade da USAG, pelo menos dois grandes responsáveis: Bela e Marta Karolyi. Os famosos treinadores romenos foram celebrados por transformar o país do bloco oriental em uma potência da ginástica, graças a métodos implacavelmente cruéis (leia-se: abusivos) que produziram superestrelas como Nadia Comaneci e implantaram uma cultura de medo que, mais tarde, eles levariam aos Estados Unidos.

Por meio de uma cobertura equilibrada e de uma série de relatos emocionantes em primeira pessoa, **Atleta A** expõe um dos mais horrendos abusadores – e sistemas – do esporte moderno. (Fonte: [IndieWire](#))



Adolescentes: Tortura e Abuso

16

Adolescentes: Tortura e Abuso revela a perturbadora verdade por trás da indústria dos “adolescentes problemáticos”, iluminando as táticas abusivas empregadas por essas instituições e as poderosas forças que as perpetuam. Com relatos de sobreviventes, entre eles a rapper Bhad Bhabie e o repórter Evan Ross, o filme expõe o trauma emocional e físico infligido aos adolescentes enviados a esses programas. O documentário também rastreia as conexões financeiras do setor, revelando como grandes interesses empresariais dos Estados Unidos e figuras políticas – como Mitt Romney e a Bain Capital – estiveram envolvidos na aquisição e operação dessas instituições. Os diretores buscam jogar luz sobre a teia complexa de poder e lucro que alimenta essa indústria. (Fonte: [The Express Tribune](#))

Onde: Max | **Trailer:** [aqui](#) | **Duração:** 3 episódios (média de 50min cada)

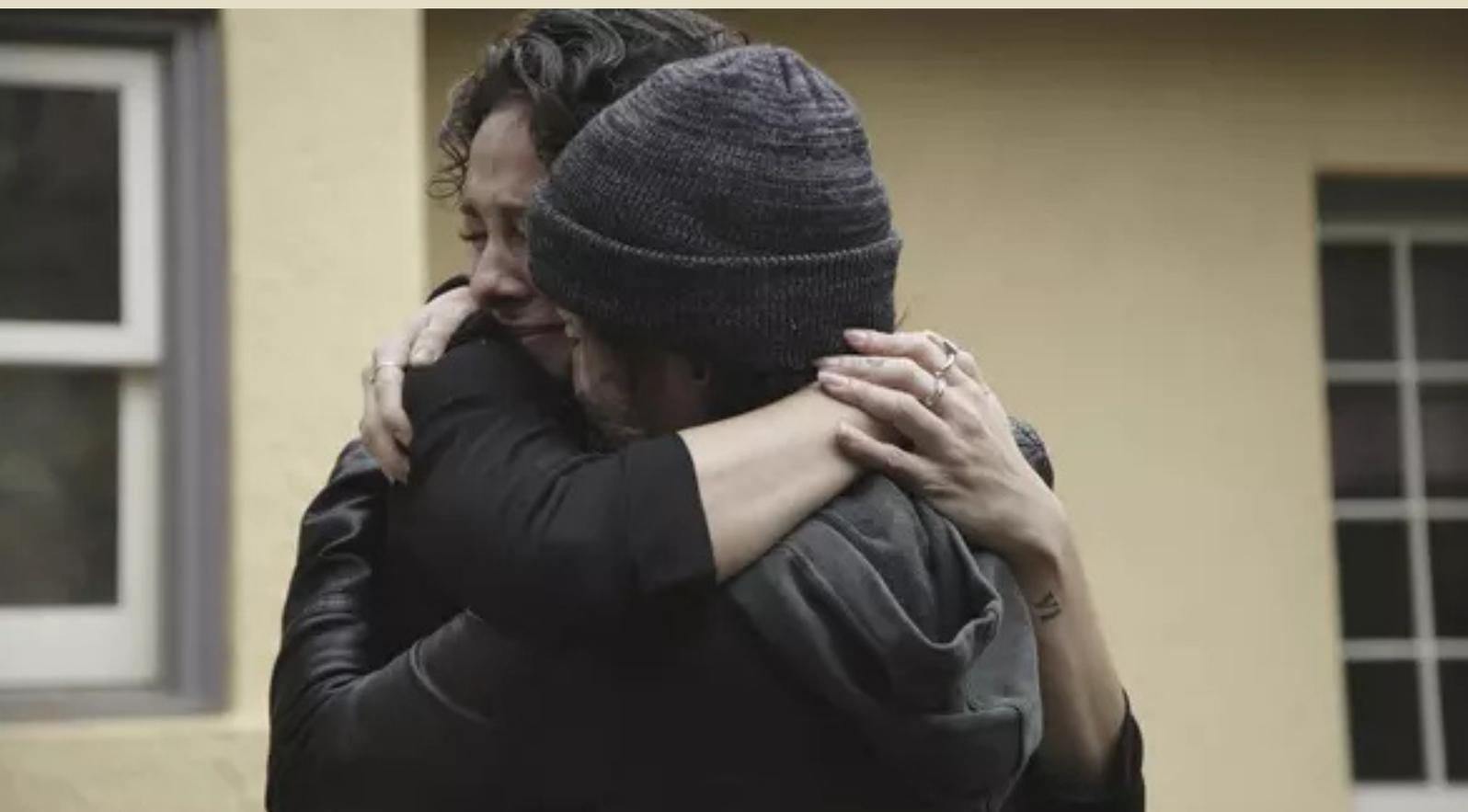


Trauma.

O documentário começa com imagens de Paris Hilton em uma coletiva de imprensa em 2022, na qual ela descreve as consequências do abuso que sofreu na Provo Canyon School, em Utah, quando tinha 16 anos: “Durante 20 anos eu não conseguia dormir à noite, pois lembranças de violência física, a sensação de solidão e a perda dos meus colegas invadiam minha mente quando eu fechava os olhos. Isso não era apenas insônia. Era trauma.”

Corta para Jen Robison, que também suportou os horrores da Provo Canyon, dizendo: “Quando Paris se pronunciou, eu pude estar logo atrás, dizendo: olha, sou uma pessoa completamente diferente, mas aconteceu a mesma coisa comigo.”

Robison e outros sobreviventes contam suas histórias, muitas vezes marcadas por semelhanças impressionantes: um adolescente “problemático” é enviado para uma instituição onde passa meses, às vezes anos, em um local onde é submetido a uma disciplina quase sectária: tem a cabeça raspada, são jogados em celas de isolamento e sofrem abuso emocional e físico sistemático. (Fonte: [Chicago Sun Times](#))



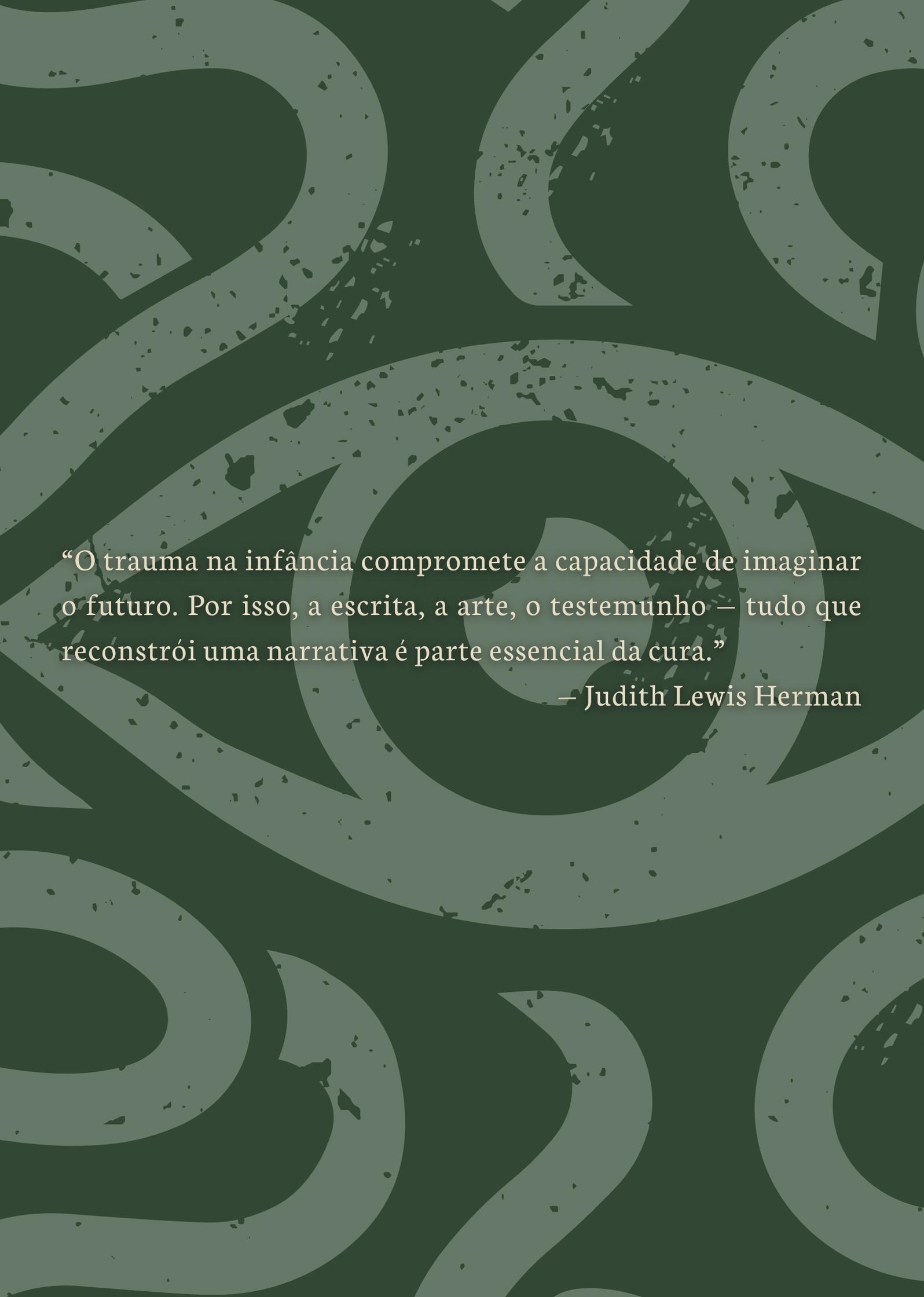
TEPT e suicídios.

Aos 13 anos, o jornalista Evan Wright foi internado em uma das notórias unidades do programa The Seed, depois de ser expulso da escola por vender maconha. Na “escola experimental”, toda privacidade foi abolida: segurar o aluno enquanto ele urinava e defecava, obrigá-lo a ficar em silêncio por dias e “prometer morrer na batalha final pela alma da América” – tudo isso fez parte da experiência de Wright no The Seed, que era financiado pelo Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH).

O The Seed foi dissolvido em 2001, mas seu legado continuou na Straight, Inc., outra instituição criada segundo o mesmo modelo. O verdadeiro legado de ambas, hoje, é o alto índice de suicídios, anos mais tarde, entre os que passaram por lá e ficaram com Transtorno de Estresse Pós-Traumático e ansiedade. Infelizmente, Wright juntou-se a esse grupo em 12 de julho de 2024, quando foi encontrado morto em sua casa em Los Angeles. O legista concluiu que se tratou de suicídio por arma de fogo.

“Existe um incentivo financeiro para manter essa indústria funcionando, e ele conta com o respaldo de pessoas poderosas em Washington, D.C., que a apoiam ideologicamente”, Tara Malone, diretora do documentário, disse, acrescentando: “A mudança é um processo difícil, mas acho que está começando a acontecer.” (Fonte: [Hollywood Reporter](#))





“O trauma na infância compromete a capacidade de imaginar o futuro. Por isso, a escrita, a arte, o testemunho — tudo que reconstrói uma narrativa é parte essencial da cura.”

— Judith Lewis Herman



**HUB
GÓRGONA**

Material criado por Jarid Arraes.
Conteúdo exclusivo Hub Górgona.
Para utilizar, solicite autorização.

Entre em contato

contato@hubgorgona.com.br

www.hubgorgona.com.br

+55 11 94544 8544